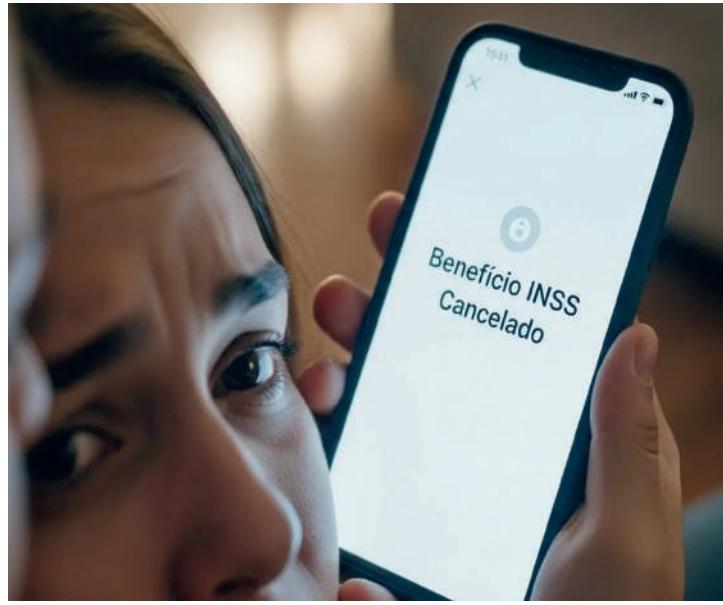


Economia

Quem “ostentar” nas redes sociais agora poderá perder o benefício do INSS



Seus Direitos!

Uma foto em uma festa, um vídeo na academia ou registros de uma viagem podem parecer inofensivos. Mas, para quem recebe — ou tenta receber — benefícios do INSS, esse tipo de postagem tem ganhado um peso inesperado. Cada vez mais, redes sociais estão sendo usadas como elemento de verificação em processos administrativos e judiciais, e a chamada “ostentação digital” pode acabar custando caro.

Órgãos do INSS e até o Judiciário têm recorrido a perfis públicos em plataformas como Instagram, Facebook

e TikTok para checar se a realidade exibida online é compatível com as informações declaradas pelo segurado. O foco principal são benefícios por incapacidade, nos quais é preciso comprovar limitações físicas ou mentais para o trabalho. Quando o post vira problema Na prática, peritos e servidores avaliam se imagens e vídeos contradizem laudos médicos ou relatos apresentados no processo. Há registros de perícias em que publicações foram citadas para questionar pedidos de auxílio por incapacidade temporária ou aposentadoria

por invalidez. Exemplos comuns envolvem beneficiários que afirmam ter limitações motoras, mas aparecem praticando esportes, carregando peso ou dançando. Também entram no radar situações de trabalho informal divulgado nas redes ou sinais de padrão de vida incompatível com benefícios assistenciais voltados à baixa renda. Especialistas destacam, no entanto, que uma postagem isolada não é suficiente para cancelar um benefício. As redes sociais funcionam como indício, que precisa ser analisado em conjunto com laudos

médicos, perícias e outros documentos. Em casos de saúde mental, por exemplo, fotos sorrindo ou em eventos sociais não significam, automaticamente, capacidade para o trabalho. Ainda assim, decisões judiciais mostram que conteúdos digitais podem levar à reabertura de perícias ou à suspensão temporária de pagamentos quando há inconsistências relevantes. A orientação para segurados é agir com cautela. Perfis privados, identificação de fotos antigas e prudência na exposição ajudam a evitar interpretações equivocadas.



Dr. Epaminondas Nogueira
Dra. Carmen Cecilia Nogueira Beda
Sócia do Escritório
Epaminondas Nogueira
Sociedade de Advogados
OAB/SP 111.878
contato@epaminondas.com.br
WhatsApp +55 11 998914848

Advertência no Trabalho deve ser assinada?

Quando o trabalhador é chamado pela chefia para receber uma Advertência sempre surge a dúvida assino ou não? A recusa em assinar o documento é uma atitude equivocada, isto porque a assinatura de uma Advertência não significa que exista concordância com a mesma, mas que foi tomado o conhecimento do motivo pelo qual houve a Advertência.

Quando o documento é assinado, a empresa é obrigada a entregar uma cópia para

o trabalhador, e, esta cópia garante que o motivo inicial da Advertência não seja posteriormente alterado.

Se houver recusa, o empregador, pode solicitar que duas outras pessoas, assinem o documento, essas pessoas não estão tomando ciência do motivo da Advertência, mas da recusa do empregado em assinar o documento.

O objetivo de uma Advertência é o de sinalizar ao empregado que ele fez algo que o empregador considerou

errado ou inapropriado para o ambiente de trabalho.

O recebimento de uma Advertência deve ser um sinal de alerta para que o empregado preste atenção a um determinado comportamento ou procedimento

As Advertências devem ser aplicadas de acordo com os seguintes princípios: no momento ou no primeiro momento que o empregador souber do fato; para cada ato cabe apenas uma Advertência; e, de acordo com a gravidade da

falta. As punições podem ser: Advertência Verbal; Advertência Escrita; Suspensão e Demissão. Mas não há obrigatoriedade de que se siga a ordem, o empregador, pode aplicar a pena maior, caso entenda cabível.

Quando o trabalhador não concorda com o motivo da Advertência, pode questionar judicialmente, inclusive nos casos de uma eventual demissão por Justa Causa, cabe o questionamento.

É importante no entanto, ter

provas de que a aplicação da pena foi incorreta.

Na dúvida consulte um advogado especializado e com tradição na área trabalhista.



Clique no QR Code para mais informações sobre esse e outros temas



As 5 Reviravoltas sobre IA em Davos que Desafiam o Senso Comum



Anderson Santiago
Engenheiro de Computação
ZEROVOX - @pagezine

O debate sobre Inteligência Artificial costuma ser dominado por temores recorrentes, como a perda de empregos, o risco de superinteligências fora de controle e o aumento da desigualdade.

As discussões no Fórum Econômico Mundial de Davos, porém, revelaram um cenário mais complexo e contraintuitivo. Líderes como Jensen Huang (NVIDIA), Elon Musk (Tesla) e Satya Nadella (Microsoft) apontaram transformações profundas no impacto da IA sobre a economia e o trabalho.

A primeira reviravolta diz respeito ao emprego. Em vez de eliminar profissionais, a IA pode ampliar a demanda por eles. Segundo Jensen Huang, ao automatizar tarefas repetitivas, a tecnologia aumenta a produtividade e permite que especialistas foquem em seu verdadeiro propósito. Na área da saúde, por exemplo, radiologistas e enfermeiros podem atender mais pacientes com maior qualidade, o que tende a elevar a necessidade de profissionais, e não o contrário.

Outro ponto inesperado é que o maior gargalo da IA não são os chips, mas a energia. Elon Musk alertou que a capacidade de geração elétrica não acompanha o ritmo da expansão da infraestrutura de IA. Em breve, o mundo poderá produzir mais chips do que consegue energizar, deslocando o debate da tecnologia em si para investimentos em redes elétricas e novas fontes de energia.

A terceira reviravolta envolve a desigualdade global. Contrariando a ideia de que a IA aprofundará o abismo tecnológico, Huang argumenta que ela pode reduzi-lo, já que sistemas baseados em linguagem natural são fáceis de usar. Satya Nadella reforça esse potencial, mas destaca que ele depende de infraestrutura básica, especialmente energia, sob risco de criar uma nova desigualdade baseada no acesso elétrico.

Ainda assim, exemplos concre-

tos mostram como a IA pode ampliar o acesso à informação e à autonomia.

A quarta reflexão é mais filosófica: empregos não são definidos por tarefas, mas por propósito. A IA automatiza atividades operacionais, não a razão de ser do trabalho. Ao lidar com tarefas repetitivas, a tecnologia permite que profissionais se tornem mais estratégicos e valiosos, exigindo uma mudança de mentalidade sobre o que realmente gera valor.

Por fim, Davos desmontou a ideia de que grandes corporações estão seguras. Segundo Nadella, a IA cria um ambiente altamente competitivo, no qual empresas menores podem escalar rapidamente, enquanto gigantes enfrentam desafios de adaptação e riscos à soberania de seus dados e conhecimentos.

A lição central de Davos é clara: a IA não apenas transforma empregos ou mercados, mas redefine energia, propósito, competição e poder. A questão já não é se ela mudará o mundo, mas se estamos prontos para repensar o que significa trabalhar e prosperar nessa nova era.

Hoje, marcas disputam atenção como se ela fosse infinita. Estão nos anúncios, nas redes, nos feeds, nas vitrines e até onde ninguém pediu para estarem. O leitor percebe isso no corpo antes mesmo de racionalizar. Há excesso de fala, excesso de promessa e excesso de urgência. É desse cenário que estamos falando. Um mercado barulhento, saturado e cansado de si mesmo.

Nesse ambiente, criou-se a ilusão de que visibilidade depende de volume. Quanto mais se fala, maior a chance de ser ouvido. Essa lógica funcionou quando o silêncio ainda era comum. Agora, ela apenas contribui para o ruído geral. O curioso é que, quanto maior o barulho, mais fácil se tornar invisível.

Por isso, o excesso de comunicação revelou algo incômodo: volume não constrói presença. Ele apenas ocupa espaço. Presença nasce de coerência. De uma voz que sabe o que diz, por que diz e para quem diz. Uma voz que não precisa se repetir para ser reconhecida. Enquanto isso, o consumidor desenvolveu uma habilidade silenciosa. Ele não escuta

tudo. Ele escolhe. Aprendeu a filtrar o que parece fabricado, inflado ou apressado demais. Não por desinteresse, mas por autopreservação. Em meio ao ruído constante, atenção virou um gesto de concessão, não de distração.

É justamente aí que algumas marcas se destacam sem esforço aparente. Elas não tentam participar de todas as conversas nem se apresentar como resposta para tudo. Escolhem um território claro, sustentam uma narrativa coerente e deixam que a experiência confirme o discurso. Quando falam, não pedem atenção. Criam interesse.

Além disso, existe um encanto silencioso na comunicação honesta. Ela não força intimidade, não promete o que não pode sustentar e não se esconde atrás de frases ensaiadas.

Assume escolhas, aceita limites e convive bem com a discordância. Esse tipo de postura constrói algo cada vez mais raro: confiança espontânea. Ainda assim, muitas vozes continuam tentando se impor pela repetição. O paradoxo é



Marcos Flávio da Silva:
Designer, empreendedor e comunicador na área de marketing - Studio Supra

evidente. Quanto mais uma marca tenta parecer relevante, mais genérica corre o risco de se tornar.

Quanto mais tenta agradar, menos identidade constrói. Reconhecimento não nasce da insistência, nasce da singularidade.

Por isso, a saída não está em falar mais, mas em manter a postura. Em reduzir o ruído interno antes de disputar espaço externo. Em alinhar discurso, prática e intenção. Quando há clareza, o volume deixa de ser protagonista e vira detalhe.

No fim, não vence quem domina a multidão, mas quem sustenta uma voz própria. Em um mercado saturado de discursos ensaiados, uma comunicação honesta não precisa competir. Ela ecoa. E quando ecoa, permanece

NOSSO COMBUSTÍVEL É VOCÊ!

Ipiranga

068

24h

4744-5514

AUTO POSTO OKABE

Conveniência OKB

Lavanderia Express

R. Baruel, 261 - Vila Costa, Suzano - SP - 08675-000